

vertente diacrónica. Assim, nestas “contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa”, são levantadas questões de escopo e natureza muito diversos, mas que, em todos os casos, acabam por trazer dados novos e relevantes para os estudos diacrónicos sobre a língua portuguesa.

Os textos das organizadoras do volume inscrevem-se no âmbito da (meta)lexicologia e da (meta)lexicografia e no mesmo recorte cronológico, o séc. XVIII. O de Maria Filomena Gonçalves, “A variação lexical no discurso metalinguístico de setecentos: apontamentos sobre o arcaísmo”, aborda uma das questões mais recorrentemente debatidas nos textos metalinguísticos deste período. Compulsando o abundante material setecentista que tão bem conhece, a autora mostra como se desenvolve, na produção metalinguística da época, a tensão entre as “palavras antigas” e as “palavras modernas” e como a reflexão sobre a variação, enquanto elemento perturbador da homogeneidade normativa ou factor de degenerescência das línguas, por oposição à época áurea de quinhentos e parte de seiscentos, acaba por ser responsável pela criação de um precioso repositório da memória linguística e literária em vernáculo; legado dos gramáticos, ortógrafos e académicos de setecentos que urge preservar e tornar acessível.

O texto de Clotilde Murakawa, “D. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos”, centra-se naquela que será talvez a mais relevante obra da produção metalinguística de setecentos: o *Vocabulario portuguez e latino*, em que a autora é reconhecida especialista. Neste artigo, Murakawa debruça-se sobre a prática lexicográfica do conhecido dicionarista, dos aspectos externos e macro-estruturais à análise da construção e estrutura dos verbetes, aspecto em que, como demonstra, Bluteau se afirma como inovador, destacando-se a utilização, inédita na lexicografia portuguesa de então, de um *corpus* de referência de obras dos sécs. XV-XVIII, de diversas áreas do saber, identificadas com uma acribia notável para os padrões da época. Clotilde Murakawa mostra ainda, no presente artigo, que a importância da obra de Bluteau não se resume ao imenso volume de informação linguística, particularmente lexicográfica, mas, graças à sua vastíssima erudição, se alarga também a informação enciclopédica, reflectindo frequentemente a sociedade do seu tempo e assumindo-se como um “repositório da cultura portuguesa e também da cultura universal”.

Também no domínio, neste caso, da lexicologia se inscreve o texto de Naidea Nunes, “Madeirensismos e brasileirismos na terminologia açucareira (do séc. XV à actualidade)”. Baseando-se em importante documentação histórica, Naidea Nunes mostra como termos e técnicas desta área de actividade são originários da Madeira, tendo, depois, sido transplantados para as Canárias, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, América espanhola e Brasil. A importante documentação compulsada vem, assim, desfazer alguns equívocos quanto à origem e história de vários termos açucareiros comuns.

Diferente escopo apresentam os textos de Rosane Berlinck, “Crónicas e relatos de viagens: fontes para o estudo da história da língua”, e de Gladis Cagliari, “Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X como *corpus* da diacronia do Português”, que abordam a delicada

Suso ALPISTE PÉREZ